

Suínos

Um novo cenário

Fernando Antonio Pereira*

SÃO NOTÓRIAS as mudanças quantitativas e qualitativas ocorridas na suinocultura brasileira neste início de século. A parte mais visível das mudanças é o espetacular crescimento das exportações em 630%, tomando como base o ano de 1999. Mas, nesse mesmo período, ocorreram também grandes mudanças na estruturação da produção e nas tecnologias empregadas em toda a cadeia, que possibilitaram um crescimento de 64% no volume produzido e de 22% no consumo *per capita* de carne suína. São transformações sem precedentes na história da nova suinocultura brasileira, e que colocam a atividade em outro patamar de competitividade, tanto no mercado doméstico quanto no externo.

Olhando apenas pelo prisma dessas transformações, pode parecer que a cadeia da carne suína sempre voou em céu de brigadeiro durante todos esses anos. Infelizmente, isso não corresponde à realidade. Ocorreram momentos de muita turbulência e cenários muito contraditórios. De um lado, deparou-se com um grande leque de oportunidades, tanto no mercado interno quanto no externo, que estimulou investimentos em expansão e modernização. De outro lado, ocorreram períodos de fortes oscilações de preço e de margem, frutos do crescimento desordenado da oferta, do aumento expressivo de custo ou de barreiras à exportação (problemas políticos e sanitários, principalmente a aftosa em bovinos). Vistas por outro ângulo, tais turbulências, embora indesejáveis, e, não raro, até traumáticas, acabaram funcionando como um agente indutor de mudanças porque regularizaram o mercado e forçaram os agentes do

setor a se modernizar para se manterem competitivos.

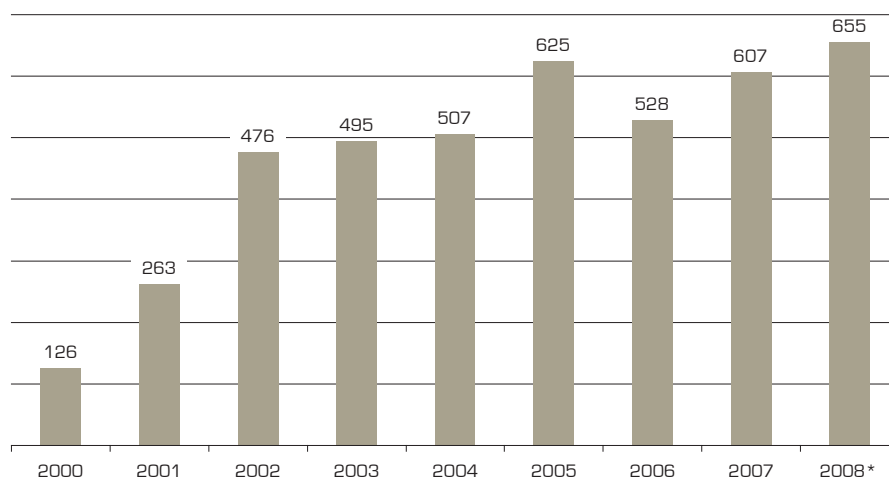
O que esperar para 2008

No último trimestre de 2007, o setor foi, de forma até surpreendente, beneficiado por uma elevação forte no preço do suíno para abate em todas as regiões produtoras. A boa reação do consumo interno e a aceleração das exportações, associadas a uma desaceleração do crescimento da oferta de animais para abate, foram os causadores da reação. Embora já se esperasse uma recuperação de preço no período, a magnitude da recuperação superou as projeções e permitiu ao setor produtivo respirar mais aliviado depois de amargar perdas em quase todos os meses, desde março de 2006. De outro lado, no mesmo período, grande parte do setor produtivo foi também surpreendida por uma elevação brutal do preço dos insumos, prin-

cipalmente do milho e do farelo de soja, fruto de um cenário internacional de escassez, que voltará a ser mencionado mais à frente. Os produtores que possuíam estoque de milho conseguiram melhorar substancialmente a lucratividade, mas os que não tinham estoque – que foi o caso da maioria – não puderam tirar proveito do período de preço favorável.

O cenário projetado para 2008 está muito vinculado ao que se passou em 2007. O primeiro aspecto a destacar é o custo de produção. Em razão da forte demanda mundial por grãos, da impossibilidade de forte expansão de sua produção em curto espaço de tempo e dos baixos estoques internacionais, não se espera grande queda no custo da ração em 2008, quando comparado aos custos de 2007. Ao contrário, os grandes demandadores de ração para suínos e aves trabalham com um cenário de preço médio até maior que o verificado em

Exportação brasileira de carne suína (mil t)



* Estimativa. Elaboração: Agroceres PIC

2007. Isso não significa que esta será uma tendência para todo o ano. Há uma chance alta de que o custo das rações seja bem mais alto neste primeiro semestre, e que, no segundo, a diferença seja pequena, não sendo descartável a possibilidade de preços mais baixos que em 2007, com mais chance disso ocorrer no último trimestre do ano.

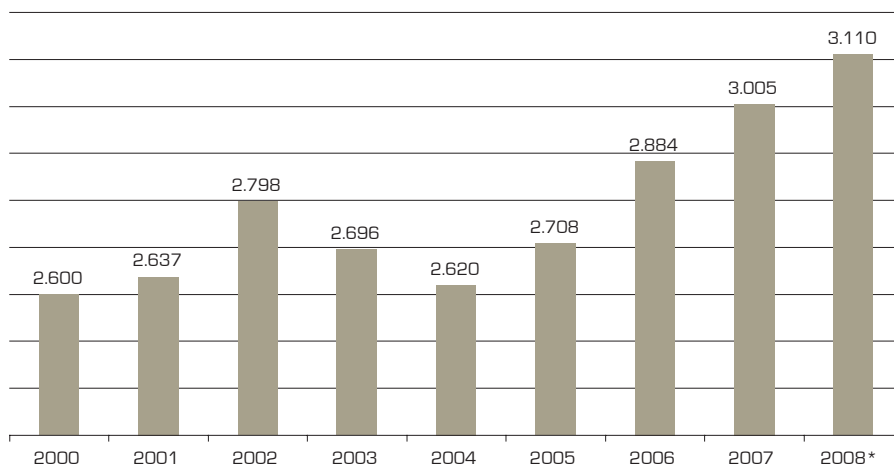
Do lado da produção, não há indicadores que apontem crescimento alto da oferta de suínos para abate em 2008. O crescimento deverá ser mínimo durante o primeiro semestre, acelerando um pouco mais no segundo, devendo, na média do ano, ocorrer um crescimento médio em torno de 3,5% (estimativa da Agrocere PIC).

Mantidas as tendências favoráveis para as exportações e para o consumo interno, teremos um cenário de preços mais firmes para o suíno de abate que em 2007. E essa tendência pode valer para todo o ano, com a provável exceção do último trimestre, quando os preços estiveram muito acima de patamares históricos, beneficiados por uma rara conjugação de fatores favoráveis. O crescimento da demanda interna encontra respaldo principalmente no crescimento da renda dos consumidores de menor poder aquisitivo. Já as exportações podem ser beneficiadas por uma maior demanda em algumas regiões do mundo e pelo fortalecimento da posição exportadora do Brasil no que se refere às barreiras sanitárias.

Como fica a competitividade

Nos últimos anos, de forma mais acentuada a partir de 2006, a produção de grãos e de proteína animal, em todo o mundo, vem passando por uma drástica mudança nas relações de demanda e de seu custo. O principal fator que desencadeou esse cenário é a forte demanda de milho nos Estados Unidos para produção de álcool combustível. Tal demanda pode corresponder a cerca de duas vezes a safra total brasileira do cereal, já em 2008. O estímulo à produção de milho para atender à indústria de etanol desencadeou um efeito em cascata nos preços dos grãos em todo o mundo. Isso porque ocorreu forte redução nos estoques internacionais, além

Produção brasileira de carne suína (mil t)



* Estimativa. Elaboração: Agrocere PIC

da queda de disponibilidade de área para plantio de outros cereais (principalmente soja), que também tiveram seus preços elevados. Não se pode desprezar, também, a crescente demanda mundial por grãos e carnes, principalmente na Ásia, liderada pela China e Índia, nesta ordem.

O que os especialistas internacionais projetam para os próximos anos é uma continuidade, e até acirramento, da concorrência entre a produção de alimento e a de bioenergia. Projetam também uma continuidade da expansão da demanda por alimentos, puxada pelos países em desenvolvimento, onde há um expressivo contingente populacional com renda baixa e que vêm sendo gradativamente incluídos no mercado de consumo, principalmente de alimentos.

Esse cenário configura uma clara tendência de manutenção de custos mais altos de produção dos alimentos mais demandados no mundo, dentre eles a carne suína. Se há um novo patamar de custo mais elevado, tornam-se mais competitivos os países onde existe maior capacidade para expandir a produção de carne suína e dos principais insumos usados na sua produção, os grãos.

São muito poucas as regiões do mundo com bom potencial para aumentar a produção de grãos. Menor ainda o número de regiões onde tanto é possível aumentar a produção de grãos, quanto a de carne suína.

O Brasil aparece com destaque em sua potencialidade para fazer as duas coisas. Os Estados Unidos aparecem como principal concorrente pela sua escala de produção (cerca de três vezes a produção brasileira), grande aporte de capital e de tecnologia, menos barreiras sanitárias, e com um mercado interno consideravelmente maior. Porém, depara com uma grande limitação de ordem legal, pois muitos dos estados norte-americanos têm legislação que impede a construção de novas granjas.

Existe, portanto, um cenário externo ainda mais favorável à competitividade do custo da carne suína brasileira e em um horizonte de longo prazo. O que, entretanto, não elimina os importantes gargalos internos com os quais convivemos há muitos anos, com destaque para as barreiras sanitárias e as deficiências de logística. A taxa de câmbio também aparece, cada vez mais, como fator limitante da competitividade. O aproveitamento da grande predominância de ventos favoráveis está condicionado à eficiência com que serão superadas as barreiras. O aprendizado, conseguido a um custo alto nos anos recentes, dá esperança de que hoje a cadeia da carne suína brasileira esteja mais bem capacitada para tirar proveito dessa oportunidade sem precedente histórico. ■

* Engenheiro agrônomo, MS. Diretor superintendente da Agrocere PIC